

FERNANDO PESSOA

Á MEMORIA DO
PRESIDENTE-REI
SIDONIO PAES



EDITORIAL IMPÉRIO

LISBOA - 1940

33

FERNANDO PESSOA

Á MEMORIA
DO PRESIDENTE-REI
SIDONIO PAES



1 9 4 0



OFERTA

8

~~4~~
79533

345451

H- 51207

FERNANDO PESSOA

(EXTRACTO DE UMA NOTA BIOGRÁFICA ESCRITA
POR ÊLE PRÓPRIO EM 30 DE MARÇO DE 1935)

Nome completo: *Fernando Antonio Nogueira Pessoa*

Edade e naturalidade: *Nasceu em Lisboa, freguezia dos Martyres, no predio n.º 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Directorio) em 13 de Junho de 1888.*

Filiação: *Filho legitimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Magdalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do General Joaquim Antonio de Araujo Pessoa, combatente das campanhas liberaes, e de D. Dionysia Seabra; neto materno do Conselheiro Luiz Antonio Nogueira, jurisconsulto e que foi Director Geral do Ministerio do Reino, e de D. Magdalena Xavier Pinheiro. Ascendencia geral — mixto de fidalgos e de judeus.*

Profissão: *A designação mais propria será «traductor», a mais exacta a de «correspondente estrangeiro em casas commerciaes». O ser poeta e escriptor não constitue profissão, mas vocação.*

Funções sociais que tem desempenhado: *Se por isso se entende cargos publicos, ou funcções de destaque, nenhuma.*

Obras que tem publicado: *A obra está essencialmente dispersa, por emquanto, por varias revistas e publicações occasionaes. O que, de livros ou folhetos, considera*

como válido, é o seguinte: «35 Sonnets» (em inglez), 1918; «English Poems I-II» e «English Poems III» (em inglez tambem), 1922, e o livro «Mensagem», 1934, premiado pelo Secretariado da Propaganda Nacional, na categoria «Poema».

Educação: Em virtude de, fallecido seu pae em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas nupcias, com o Commandante João Miguel Rosa, Consul de Portugal em Durban, Natal, foi alli educado. Ganhou o premio Rainha Victoria de estylo inglez na Universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admisão, aos 15 annos.

Faleceu o poeta aos 30 dias do mês de Novembro de 1935, em Lisboa.

Á MEMORIA DO PRESIDENTE-REI SIDONIO PAES

Longe da fama e das espadas,
Alheio às turbas elle dorme.
Em torno ha claustros ou arcadas?
Só a noite enorme.

Porque para elle, já virado
Para o lado onde está só Deus,
São mais que Sombra e que Passado
A terra e os céus.

Alli o gesto, a astucia, a lida,
São já para elle, sem as ver,
Vacuo de acção, sombra perdida,
Sopro sem ser.

Só com sua alma e com a treva,
A alma gentil que nos amou
Inda esse amor e ardor conserva?
Tudo acabou?

No mysterio onde a Morte some
Aquillo a que a alma chama a vida,
Que resta d'elle a nós — só o nome
E a fé perdida?

Se Deus o havia de levar,
Para que foi que nol-o trouxe —
Cavalleiro leal, do olhar
Altivo e doce?

Soldado-rei que occulta sorte
Como em braços da Patria ergueu,
E passou como o vento norte
Sob o ermo céu.

Mas a alma accesa não acceita
Essa morte absoluta, o nada
De quem foi Patria, e fé eleita,
E ungida espada.

Se o amor crê que a Morte mente
Quando a quem quer leva de novo,
Quão mais crê o Rei ainda existente
O amor de um povo!

Quem elle foi sabe-o a Sorte,
Sabe-o o Mysterio e a sua lei.
A Vida fel-o heroe, e a Morte
O sagrou Rei!

Não é com fé que nós não cremos
Que elle não morra inteiramente.
Ah, sobrevive! Inda o teremos
Em nossa frente.

No occulto para o nosso olhar,
No visivel à nossa alma,
Inda sorri com o antigo ar
De força calma.

Ainda de longe nos anima,
Inda na alma nos conduz —
Gladio de fé erguido acima
Da nossa cruz!

Nada sabemos do que occulta
O véu equal de noite e dia.
Mesmo ante a Morte a Fé exulta:
Chora e confia.

Apraz ao que em nós quer que seja
Qual Deus quiz nosso querer tosco,
Crer que elle vela, bemfazeja
Sombra comnosco.

Não sahe da alma nossa a fé
De que, alhures que o mundo e o fado,
Elle inda pensa em nós e é
O bem-amado.

Tenhamos fé, porque elle foi.
Deus não quer mal a quem o deu.
Não passa como o vento o heroe
Sob o ermo céu.

E amanhã, quando queira a Sorte,
Quando findar a expiação,
Resurrecto da falsa morte,
Elle já não,

Mas a ansia nossa que incarnara,
A alma de nós de que foi braço,
Tornará, nova forma clara,
Ao tempo e ao espaço.

Tornará feito qualquer outro,
Qualquer cousa de nós com elle;
Porque o nome do heroe morto
Inda compelle;

Inda commanda, a armada ida
Para os campos da Redempção.
Às vezes leva à frente, erguida
'Spada, a Illusão.

E um raio só do ardente amor,
Que emana só do nome seu,
Dê sangue a um braço vingador,
Se esmoreceu.

Com mais armas que com Verdade .
Combate a alma por quem ama.
É lenha só a Realidade:
A fé é a chama.

Mas ai, que a fé já não tem forma
Na matéria e na côr da Vida,
E, pensada, em dôr se transforma
A fé perdida!

P'ra que deu Deus a confiança
A quem não ia dar o bem?
Morgado da nossa esperança,
A Morte o tem!

Mas basta o nome e basta a gloria
Para elle estar comnosco, e ser
Carnal presença de memoria
A amanhecer;

Spectro real feito de nós,
Da nossa saudade e ansia,
Que falla com occulta voz
Na alma, a distancia;

E a nossa propria dôr se torna
Uma vaga ansia um 'sperar vago,
Como a erma brisa que transtorna
Um ermo lago.

Não mente a alma ao coração.
Se Deus o deu, Deus nos amou.
Porque elle pôde ser, Deus não
Nos desprezou.

Rei-nato, a sua realeza,
Por não podel-a herdar dos seus
Avós, com mystica inteireza
A herdou de Deus;

E, por directa consonancia
Com a divina intervenção,
Uma hora ergueu-nos alta a ansia
De salvação.

Toldou-o a Sorte que o trouxera
Outra vez com nocturno véu.
Deus p'ra que nol-o deu, se era
P'ra o tornar seu?

Ah, tenhamos mais fé que a esp'rança!
Mais vivo que nós somos, fita
Do Abysmo onde não ha mudança
A terra afflictta.

E se assim é; se, desde o Assombro
Aonde a Morte as vidas leva,
Vê esta patria, escombros a escombros,
Cahir na treva;

Se algum poder do que tivera
Sua alma, que não vemos, tem,
De longe ou perto — porque espera?
Porque não vem?

Em nova forma ou novo alento,
Que alheio pulso ou alma tome,
Regresse como um pensamento,
Alma de um nome!

Regresse sem que a gente o veja,
Regresse só que a gente o sinta —
Impulso, luz, visão que reja
E a alma presinta!

E qualquer gladio adormecido,
Servo do occulto impulso, accorde,
E um novo heroe se sinta erguido
Porque o recorde!

Governa o servo e o jogral.
O que iamos a ser morreu.
Não teve aurora a matinal
'Strella do céu.

Vivemos só de recordar.
Na nossa alma entristecida
Ha um som de reza a invocar
A morta vida;

E um mystico vislumbre chama
O que, no plaiuo trespassado,
Vive ainda em nós, longinqua chamma —
O DESEJADO.

Sim, só ha a esp'rança, como aquella
— E quem sabe se a mesma? — quando
Se foi de Aviz a ultima estrella
No campo infando.

Novo Alcacer-Kibir na noite!
Novo castigo e mal do Fado!
Porque peccado novo o açoite
Assim é dado?

Só resta a fé, que a sua memoria
Nos nossos corações gravou,
Que Deus não dá paga illusoria
A quem amou.

Flôr alta do paúl da grey,
Antemanhã da Redempção,
N'elle uma hora incarnou el-rey
Dom Sebastião.

O sopro de ansia que nos leva
A querer ser o que já fomos,
E em nós vem como em uma treva,
Em vãos assomos,

Bater à porta ao nosso gesto,
Fazer appelo ao nosso braço,
Lembrar ao sangue nosso o doesto
E o vil cansaço,

N'elle um momento clareou,
A noite antiga se sentiu,
Mas que segredo é que ficou
No escuro frio?

Que memoria, que luz passada
Projecta, sombra, no futuro,
Dá na alma? Que longinqua espada
Brilha no escuro?

Que nova luz virá raiar
Da noite em que jazemos vis?
Ó sombra amada, vem tornar
A ansia feliz.

Quem quer que sejas, lá no abysmo
Onde a morte a vida conduz,
Sê para nós um mysticismo
A vaga luz

Com que a noite erma inda vazia
No frio alvor da antemanhã
Sente, da esp'rança que ha no dia,
Que não é vã.

E amanhã, quando houver a Hora,
Sendo Deus pago, Deus dirá
Nova palavra redemptora
Ao mal que há,

E um novo verbo occidental
Incarnando em heroismo e gloria,
Traga por seu broquel real
Tua memoria!

Precursor do que não sabemos,
Passado de um futuro a abrir
No assombro de portaes extremos
Por descobrir,

Sê estrada, gladio, fé, fanal,
Pendão de gloria em gloria erguido!
Tornas possível Portugal
Por teres sido!

Não era extincta a antiga chamma
Se tu e o amor puderam ser.
Entre clarins te a gloria acclama,
Morto a vencer!

E, porque foste, confiando
Em QUEM SERÁ porque tu foste,
Ergamos a alma, e com o infando
Sorrindo arrote,

Até que Deus o laço solte
Que prende à terra a aza que somos,
E a curva novamente volte
Ao que já fomos,

E no ar de bruma que estremece
(Clarim longinquo matinal!)
O DESEJADO enfim regresse
A Portugal!



FOI ESTE POEMA PUBLICADO NO N.º 4,
ANO II, DO JORNAL ACÇÃO — LISBOA, 27
DE FEVEREIRO DE 1920. É AGORA DADO
À ESTAMPA PELA «EDITORIAL IMPÉRIO,
LIMITADA», NUMA TIRAGEM DE 545 EXEM-
PLARES NUMERADOS DE 1 A 545, QUE DES-
TINA O PRODUTO TOTAL DA VENDA AO
FUNDO CONSTITUÍDO PARA PUBLICAÇÃO
DA OBRA INÉDITA DE FERNANDO PESSOA





Esta sobre-capa foi feita para
o exemplar n.º do poema
À MEMORIA DO PRESIDENTE-
-REI SIDONIO PAES.

UM GRANDE PORTUGUÊS

VIVIA, há já não poucos anos, algures, num concelho do Ribatejo, um pequeno lavrador, e negociante de gado, chamado Manuel Peres Vigário.

Da sua *qualidade*, como diriam os psicólogos práticos, falará o bastante a circunstância que dá princípio a esta narrativa. Chegou uma vez ao pé dele certo fabricante ilegal de notas falsas, e disse-lhe: «Sr. Vigário, tenho aqui umas notazinhas de cem mil reis que me falta passar. O sr. quer? Largo-lhas por vinte mil reis cada uma». «Deixa ver», disse o Vigário; e depois, reparando logo que eram imperfeitíssimas, rejeitou-as: «Para que quero eu isso?» disse; «isso nem a cegos se passa». O outro, porém, insistiu; Vigário cedeu um pouco regateando; por fim fez-se negócio de vinte notas, a dez mil reis cada uma.

Sucedeu que dali a dias tinha o Vigário que pagar a uns irmãos, negociantes de gado como ele, a diferença de uma conta, no valor certo de um conto de reis. No primeiro dia de feira, em a qual se deveria efectuar o pagamento, estavam os dois irmãos jantando numa taberna escura da localidade, quando surgiu pela porta, cambaleante de bêbado, o Manuel Peres Vigário. Sentou-se à mesa deles, e pediu vinho. Daí a um tempo, depois de vária conversa, pouco inteligível da sua parte, lembrou que tinha de pagar-lhes. E, puxando da carteira, perguntou se se importavam de receber tudo em notas de cinquenta mil reis. Eles disseram que não; e, como a carteira nesse momento se entreabrisse, o mais vigilante dos dois chamou, com um olhar rápido, a atenção do irmão para as notas, que se via que eram de cem. Houve então a troca de outro olhar.

O Manuel Peres, com lentidão, contou trémulamente vinte notas, que entregou. Um dos irmãos guardou-as logo; tendo-as visto contar, nem se perdeu a olhar mais para elas. O Vigário continuou a conversar, e, várias vezes, pediu e bebeu mais vinho. Depois, por natural efeito da bebedeira progressiva, disse que queria ter um recibo. Não era uso, mas nenhum dos irmãos fez questão. Ditava ele o recibo, disse, pois queria as coisas todas certas. E ditou o recibo — um recibo de bêbado, redundante e absurdo: de como em tal dia, a tais horas, na taberna de fulano, «estando nós a jantar» (e por ali fora com toda a prolixidade frouxa de

bêbado...), tinham eles recebido de Manuel Peres Vigário, do lugar de qualquer coisa, em pagamento de não sei quê, a quantia de um conto de reis em notas de cinquenta mil reis. O recibo foi datado, foi selado, e foi assinado. O Vigário meteu-o na carteira, demorou-se mais um pouco, bebeu ainda mais vinho, e daí a um tempo foi-se embora.

Quando, no próprio dia ou no outro, houve ocasião de se trocar a primeira nota, o que ia a recebê-la devolveu-a logo, por escarradamente falsa, e o mesmo fez à segunda e à terceira... E os irmãos, olhando então verdadeiramente para as notas, viram que nem a cegos se poderiam passar.

Queixaram-se à policia, e foi chamado o Manuel Peres, que, ouvindo atônito o caso, ergueu as mãos ao Céu em graças da bebedeira providencial que o havia colhido no dia do pagamento. Sem isso, disse, talvez, embora inocente, estivesse perdido.

Se não fosse ela, explicou, nem pediria recibo, nem com certeza o pediria como aquele que tinha, e apresentou, assinado pelos dois irmãos, e que provava bem que tinha feito o pagamento em notas de cinquenta mil reis. «E se eu tivesse pago em notas de cem», rematou o Vigário, «nem eu estava tão bêbado que pagasse vinte, como estes senhores dizem que têm, nem muito menos eles, que são homens honrados, mas receberiam». E, como era de justiça, foi mandado em paz.

O caso, porém, não pôde ficar secreto; pouco a pouco se espalhou. E a história do «conto de reis do Manuel Vigário» passou, abreviada em «o conto do Vigário», para a imortalidade quotidiana, esquecida já da sua admirável origem.

Os imperfeitíssimos imitadores, pessoais como políticos, do Mestre ribatejano nunca chegaram, que eu saiba, a qualquer simulacro digno do estratagema exemplar. Por isso é com ternura que relembro o feito deste grande português e me figuro, em devaneio, que, se há um céu para os hábeis, como constou que o havia para os bons, ali lhe não deve ter faltado o acolhimento dos próprios grandes mestres da Realidade — nem um leve brilho de olhos de Machiavelli ou de Guicciardini, nem um sorriso momentâneo de George Savile, Marquês de Halifax.

FERNANDO PESSOA.